

## 5º Concurso BANCO REAL de Talentos da Maturidade

### Monografia<sup>1</sup>

Tema geral: "Longevidade e tempo livre: novas propostas de participação social e de valorização do idoso"

### Título:

**A liberdade artística e a valorização social do idoso**

### Autor:

**Verlaine Freitas**

---

<sup>1</sup> Uma das cinco ganhadoras do prêmio na categoria Monografia, em dezembro de 2003.

## 1. Introdução

O pensamento costuma falsificar aquilo que procuramos apreender através dele, principalmente quando falamos daquele momento da vida que condensa tanto de sua experiência. Difícil seria abarcar com uma espécie de fórmula mágica o tanto que podemos investir em termos de valores humanos para uma vida que sedimenta *no próprio olhar* o que todos os jovens procuram, sem saberem exatamente o quê.

Diante disso, a alternativa de nossa estrutura argumentativa consiste em seguir um fio para nos guiarmos nesse labirinto de múltiplas abordagens possíveis. Esse ponto de apoio será precisamente o *conceito de liberdade*. Entretanto, ele mesmo se mostra como muito abrangente, podendo ser encarado de formas as mais diversas. Uma vez que a temática proposta é a do *tempo livre*, procuramos pensar a liberdade em relação àquilo que pode ser uma espécie de concretização sua, e isso em dois aspectos: uma atividade que seja livre e ao mesmo tempo que nos torne mais livres em decorrência de seu próprio exercício. Além disso, dado que pretendemos falar sobre a valorização e participação social do idoso, essa liberdade deve se mostrar, também, no que concerne ao processo histórico e coletivo de sua constituição. Por fim, trata-se de mostrar como todos esses elementos se reúnem no que se pode esperar em relação à idéia de longevidade.

## 2. A liberdade humana

A *liberdade* institui um horizonte de inestimável valor, pois, a partir dela, podemos pensar o caminho para se conceber o ser humano como realizando o que a sua própria natureza *promete*. Na medida em que essa promessa se cristaliza, com idas e vindas, em cada uma de nossas ações, há que se pensar nas diversas fases que são vivenciadas. Da mesma maneira que nosso corpo se harmoniza porque suas partes são diferentes, mas conjugam seus esforços em direção àquilo que desejamos, nossa travessia é permeada de trilhas que se alternam, e se nos mantemos atentos ao que podemos absorver de cada uma delas, nosso espírito se nutre para que a etapa seguinte seja mais rica que a anterior. Ora, de todos desses instantes, aqueles em que nossa liberdade floresce de modo vivo são os que

possibilitam a melhor percepção do que é verdadeiramente salutar para o nosso projeto de existência.

Por outro lado, a própria concepção da liberdade e o que ela pode nos dar variam ao longo do tempo. Ser livre não significa apenas poder fazer aquilo que se quer, mas também ter consciência do valor do que se faz, de modo que as inúmeras possibilidades sejam filtradas de acordo com a consistência de nossa visão de mundo. Nós, seres humanos, distinguimo-nos dos animais irracionais em função precisamente do fato de que estabelecemos valor para as coisas e, assim, podemos nos dizer livres. Um cachorro, por exemplo, embora digamos que esteja em liberdade, caso não fique preso dentro de algum recinto, nem esteja amarrado a uma corrente, isso significa apenas uma liberdade em termos de movimentos físicos, pois suas ações não são feitas devido a ele escolher a que é melhor ou pior, mas sim em função de seu *instinto*, que é movido pela percepção de suas necessidades fisiológicas, tal como fome, cansaço, sede e sono. Mas, mesmo no âmbito do humano, podemos dizer que haja diferenças em termos de consciência do valor de nossas ações, pois uma criança de dez anos de idade, por exemplo, ainda tem pouca idéia do significado do que ela faz. Assim, o idoso, depois de acumular uma experiência de vida de décadas, ter cumprido sua cota de participação ativa no processo de geração de riqueza para o país, chegando na fase de usufruir a aposentadoria e de todo o tempo livre que ela fornece, tanto mais substância pode ter a liberdade de suas ações.

E como podemos avaliar esta substancialidade?

Pode-se dizer, com toda certeza, que uma ação tem tanto mais valor *humano*, quanto mais significado ela tem para promover o homem como tendo valor *em si mesmo*, não como um ser que vive em função de uma outra coisa. Se fazemos uma coisa X em função de uma Y, fica bastante claro que consideramos que Y vale mais do que X, pois, caso contrário, não teríamos praticado uma para alcançar a outra. Tendo todo o tempo livre que se alcança ao se aposentar, o sentido do que se faz pode ser plenamente estabelecido, não como meio para alcançar outros fins, mas pela gratificação com um produto de nossas ações que exprima, *espelhe*, tudo o que conseguimos absorver em nossa caminhada pela vida. É como se, nesse momento, o caráter *humano* de nossa existência alcançasse um ponto máximo por dois fatores: passamos a ter uma existência claramente marcada pela liberdade de

nossas ações e também pela consciência dos valores que aprendemos a perceber em nós e no mundo ao longo da vida.

### 3. O impulso lúdico

Friedrich Schiller, famoso poeta alemão, que também era filósofo, dizia que o ser humano somente alcança sua condição humana propriamente dita quando *joga*. Segundo ele, podemos identificar em nós três impulsos que nos levam a praticar e a perceber todas as coisas. O primeiro impulso é o sensível, vinculado a todas as nossas sensações e também a nossos sentimentos, ou seja, a tudo o que podemos perceber, seja do mundo externo ou de nosso próprio corpo. O outro impulso é o racional, e diz respeito ao que pensamos, refletimos, raciocinamos, e também à nossa determinação como seres morais. O primeiro é algo concreto, perceptível, pois se exprime em elementos bem reais, como a luz, o som, a dor, o medo etc. O segundo, pelo contrário, é totalmente abstrato, pois se liga ao que não tem existência material, isto é, as idéias, os princípios, as leis morais.

Mas existe, diz Schiller, um terceiro, que parece fazer uma passagem entre os dois primeiros. Trata-se do impulso *lúdico*, de jogo, ligado ao âmbito da fantasia, da imaginação. Uma de suas características é o fato de que envolve *liberdade*. Tanto no impulso sensível quanto no intelectual, estamos atrelados a elementos que *restringem* nossa liberdade. No primeiro caso, podemos dizer que não somos autores propriamente ditos das sensações, sejam elas externas, como as de luz, som e olfato, ou internas, como sede, fome e cansaço, pois elas simplesmente acontecem, e a única coisa que podemos fazer é percebê-las. No impulso racional, ao raciocinarmos sobre um problema matemático, elaborarmos uma lei, seguirmos uma norma moral etc, o resultado de nossas ações tem que se pautar por princípios associativos bem estabelecidos. Mas, na medida em que podemos *jogar* com nossas idéias, estabelecer relações novas entre as coisas que vemos, usando de nossa capacidade imaginativa, nesse momento podemos dizer que há bem mais espaço para nossa liberdade.

Vejamos um exemplo: podemos olhar para as nuvens percebendo apenas que são isto, montes de vapor d'água brancos ou cinzas pairando no céu. Nesse momento, associamos de modo direto o que nossos olhos captam e o que nossos conceitos estabelecem abstratamente. Não temos liberdade em relação a nossos olhos, nem em relação ao conceito de nuvem que podemos tirar dos

dicionários. Entretanto, o que se dirá daqueles momentos em que *brincamos* de ver figuras de animais nessas nuvens? Não estaremos agindo com muito mais liberdade? Quando vemos a figura de um cavalo, por exemplo, nessas formações, não estaremos jogando com o conceito desse animal e com aquilo que nossos olhos percebem? Mesmo que não possamos fabricar o primeiro, nem o segundo, entretanto a *associação* entre eles podemos dizer que é livre. Um verso de um poema de Eichendorf "as nuvens são como sonhos que se arrastam no céu" mostra essa *liberdade lúdica* de modo bastante enfático. Embora nossos sonhos aconteçam de forma espontânea, sem que tenhamos controle sobre eles, e as nuvens também tenham sua existência própria, a metáfora feita com a analogia entre os dois institui um espaço de liberdade imaginativa todo especial.

#### **4. A liberdade artística e a realização pessoal**

Chegamos, assim, em um ponto importante, em que o impulso lúdico ganha todo o seu significado humano propriamente dito. Trata-se da *arte*, na qual convergem dois elementos do que falamos antes. Embora todos os jogos, tanto a mera brincadeira, quanto o esporte, contenham este aspecto de liberdade de que estamos falando, o fato de que são meras distrações, realizadas para descansarmos das atividades cotidianas, e seguirem regras bem estabelecidas, como num jogo de futebol, mostra que nossa liberdade ainda está de certo modo restringida. Numa poesia, de modo diferente, o jogo de nossa imaginação, como disse o filósofo Immanuel Kant, parece ocorrer apenas com a finalidade de se fortalecer, gerar um prazer que vale por conta própria, cujo significado é tão mais expressivo quanto menos temos em mente o objetivo de ganhar dinheiro com o que fazemos.

Outra característica da arte, e que se liga especialmente ao idoso, é o fato de que ela é sempre resultado de uma história, tanto coletiva, quanto individual. Todas as obras de arte, para serem bem entendidas, demandam um conhecimento sobre o processo histórico que levou até elas. Além disso, a sua própria execução solicita um conhecimento histórico das técnicas e de todos os elementos formais que entram em jogo. Embora dissemos que na arte há um espaço privilegiado da liberdade, no começo falamos também que essa mesma liberdade relaciona-se a valores, ao significado que damos para nossas ações. Nesse ponto é interessante pensar que a arte institui um espaço de liberdade em duplo sentido: faz com que sejamos livres por não estarmos submetidos aos fins que perseguimos nas nossas

atividades úteis, e também pelo fato de que sua ação é bastante valiosa, e isso num sentido bem interessante, que é o de que a ação ganha valor *em si mesma*. O verso do poeta Eichendorf citado acima nos apresenta, não apenas uma relação interessante entre duas imagens, pois ele demonstra, com uma metáfora tão expressiva, toda uma postura perante as coisas na vida. A arte necessita de uma *leveza* na nossa relação com o mundo, para que nos libertemos de nossas associações habituais, e na medida em que freqüentamos as obras, tanto mais a nossa sensibilidade se reforça para associações inéditas, para modos de ver o mundo cada vez mais diferentes e com uma riqueza renovada. O exercício artístico, então, é uma espécie de *círculo virtuoso*, pois quanto mais tomamos contato com a arte, mais nos tornamos aptos a compreendê-la e também fazer dela um elemento de ordem prática, orientando muito do sentido de nossas próprias ações.

Essa é uma outra questão interessante: a dimensão lúdica e artística não precisa se restringir apenas à obra de arte, pois, de lá, este impulso, como diz Schiller, pode migrar para toda a nossa concepção de vida e nossas ações no cotidiano. Embora o mundo dos afazeres domésticos e de nossa relação com as pessoas seja marcado por uma falta de liberdade em graus variados, cada ação pode trazer para si um pouco da leveza e da grandiosidade de espírito da liberdade artística. Um exemplo bastante concreto disso é as pessoas trocarem diversos objetos industrializados que usam em seu cotidiano por outros feitos artesanalmente, de sua própria autoria.

Assim, começamos a ver que a liberdade artística ou — como os filósofos gostam de falar — estética, relaciona-se intimamente ao que podemos chamar, seguindo outro filósofo, Hegel, de *produção do próprio homem*, de seu universo. A arte, como falamos, envolve história, valores que se sedimentam no processo de civilização e de crescimento pessoal. Assim, em cada obra de arte entram em jogo formas de vida e de experiências com o mundo que têm ressonância com tudo o que podemos planejar para nossas existências. A arte, com isso, leva a marca de ser profundamente *reflexiva*, solicitando das pessoas um olhar destacado da vida das tarefas úteis e que se volta para a nossa própria determinação como seres culturais, que vivem em uma coletividade, compartilhando valores e formas de perceber o mundo.

A arte proporciona um prazer eminentemente social, de *interação coletiva*. Ela tem capacidade de unir as pessoas em torno da exigência que ela nos

coloca de interpretação de seu significado, que nunca coincide com aquilo que é literalmente falado em uma poesia, por exemplo. A arte é uma espécie de *enigma*, em relação ao qual precisamos nos esforçar para encontrar um sentido que nos escape à primeira vista. Podemos dizer, então, que a satisfação proporcionada por ela não se iguala a nenhuma outra, pois envolve uma grande rede de relações sociais e históricas, em que compartilhamos com os outros nossas visões de mundo. Se, como diz Hegel, a arte se encaminha no sentido da produção do próprio ser humano, podemos dizer que se trata de uma produção *coletiva*, social. Para o idoso, então, a arte ganha uma importância dificilmente comparável com qualquer outra forma de vida, uma vez que, tendo-se o tempo livre que a aposentadoria permite, todo o espírito da liberdade estética pode ser usado como mola propulsora de um prazer de *compartilhar* experiência de vida, que se obteve ao longo de várias décadas, e que resultou do processo de vida em coletividade.

Mas a arte não é coletiva apenas pelo seu conteúdo humano ou pelo fato de colocar em jogo valores coletivos em sua produção, pois ela, como toda atividade lúdica, incita a participação de grupos ao ser realizada. Como diz o filósofo Johan Huizinga em seu livro *Homo ludens*, é próprio da atividade lúdica formar clubes, associações, reunindo pessoas que comungam o mesmo interesse por aquela realidade destacada da vida habitual. Todo esporte, por exemplo, acaba levando as pessoas a discutir sobre as competições, refletindo sobre o desempenho de cada um dos jogadores. Dado que a arte não é um jogo que tem seu significado apenas enquanto está sendo realizado, pois se liga, como dissemos, a muitos valores coletivos e individuais, esse processo de interação social ganha um significado bastante enfático para aquelas pessoas que têm uma longa história de vida.

Para o idoso, algo essencial de sua motivação para viver reside em um *resgate* cada vez mais renovado daquilo pelo qual passou ao longo de sua existência. Em vez de se lembrar do que possa ser ruim em seu trajeto de vida, é de suma importância que ele aprenda a olhar para seu passado extraindo dele uma vivência leve, que proporcione prazer. Ora, essa rememoração somente pode cumprir essa finalidade se ela não se restringir apenas a *repetir* o que foi vivido, mas sim lhe conferir um *significado novo*, e mais: fazer com que a pessoa se perceba como *livre* nessa relação com sua história. Isso é importante, porque muito das nossas recordações podem nos colocar numa atmosfera nostálgica, de ansiedade

de retorno a outros tempos ou de desconforto pela permanência de algumas recordações. A idéia que estamos tentando defender é que isso pode ser alcançado de forma *privilegiada* através de uma elaboração lúdica e radicalmente livre na produção artística. É como se, nesse processo, o idoso se colocasse em um *plano acima* de toda sua história, sem sair dela. Tal como uma criança brinca com os objetos que estão ao seu redor, conferindo a essa atividade um valor todo especial devido ao seu impulso lúdico, o idoso pode tomar todas as vivências como peças de uma grande *poesia de vida*. É preciso que ele se torne *senhor de seu próprio passado*, ao contrário do que ocorre muitas vezes, que é ser perseguido pelas lembranças. A história deixa de ser um *peso* para se tornar uma *motivação* de vida.

Embora seja claro que devemos almejar a valorização do idoso, isso deve ser pensado como realizável *por ele mesmo*, de modo que ele se aperceba intimamente de seu valor como pessoa. É pouco eficaz que essa valorização ocorra *apenas* por parte das outras pessoas. Naturalmente que esse reconhecimento social é importante, mas não esqueçamos que se a própria pessoa não vê em si dignidade e valor expressivos, não há reconhecimento social que os substitua. Mais uma vez, a arte parece incomparável, porque ela pode conjugar esses dois fatores, o da integração coletiva e o da percepção por si mesmo de seu próprio valor.

O texto do poeta e filósofo Friedrich Schiller do qual retiramos alguns dos nossos argumentos acima tem o sugestivo título “Cartas para a educação estética da humanidade”. Ele quer demonstrar que o âmbito estético, tanto da beleza em geral, quanto da arte especificamente, é capaz de exercitar o ser humano em seu impulso lúdico, de modo a fazer com que ele use livremente seu espaço de liberdade. Essa última frase pode soar redundante, “usar livremente a liberdade”, mas não é. Muito do nosso tempo livre pode ser usado para atividades que na verdade não fazem justiça àquilo que pensamos como sendo próprio da liberdade, pois elas apenas fazem com que o tempo passe despercebido. Sua única utilidade é a de evitar o cansaço, mas isso é muito pouco, constituindo um verdadeiro desperdício de vida, e, o que é mais importante, acaba resultando em uma sensação de vazio e de tédio, o que faz a auto-estima se tornar cada vez mais comprometida.

Essa idéia de uma *educação* estética significa fazer com que as pessoas possam enxergar na arte um conteúdo humano muito maior do que o de um mero passatempo ou de uma distração sem compromisso. É claro que esse tipo de divertimento é interessante e não deve ser simplesmente evitado, mas seu



significado não é suficientemente forte para proporcionar a valorização do idoso, uma vez que esse sentido se esgota no momento em que a atividade é praticada. A idéia de Schiller é de que a *reflexão* sobre a arte faz com que a nossa *percepção de mundo* seja mais criativa, mais livre e portanto mais prazerosa, trazendo para si um pouco dessas características que estão presentes de modo vivo na atividade artística.

## 5. Arte, interação social e longevidade

A fim de cumprir isso, seria uma boa idéia criar clubes e associações para debater, ensinar e refletir também teoricamente sobre o significado e valor humanos da atividade artística. Nesse momento, a *reflexão* e a prática se uniriam para incentivar o contato com esse mundo todo especial. Além disso, a própria atividade em conjunto favorece o entusiasmo por aquilo que se está fazendo. O processo de *exercício intelectual* é de suma importância para o engrandecimento da própria pessoa, pois ela vê como é possível conceber o mundo de outra forma. E este verbo, “conceber”, é muito sugestivo. Ele foi usado aqui no sentido de formar uma idéia, ter um determinado pensamento, mas é empregado, também, para a *geração da vida*. Na mulher, o processo de *concepção* significa dar à luz um novo ser. Desse modo, tal como nos lembra o filósofo da ciência Thomas Kuhn, se renovamos o nosso ponto de vista sobre o mundo, podemos dizer que a cada dia concebemos um mundo diferente, quer dizer, *geramos* uma nova realidade a partir de nossas idéias. Se isso é feito em conjunto, a partir do diálogo e da troca de experiência entre pessoas que já passaram por muitas etapas de vida, cada nova visão de mundo institui possibilidades de tornar o mundo cada vez mais rico, pelo fato de se nutrir de vários pontos de vista.

É importante notar, também, que, diferentemente dos clubes esportivos em geral, uma associação que tivesse como seu tema central as atividades artísticas, tanto em termos práticos, de produção de obras de arte, quanto em termos de reflexão sobre ela, não teria motivo agregador apenas para os membros que fazem parte desse meio, pois o interesse pela arte é algo que se compartilha com toda a sociedade em geral. A partir daquilo que se faz e pensa sobre a arte, a relação do idoso com as pessoas com que convive tenderia a ser bem mais enriquecida.

Tudo isso que falamos até agora toca diretamente no ponto da longevidade, na medida em que institui sempre novas circunstâncias motivacionais para a vida. Sabemos que a interação entre a esfera consciente, de nossos pensamentos, nossa concepção de mundo como um todo, e nossa disposição corporal é bastante grande. Dois competidores em uma corrida poderiam ter capacidades físicas bastante semelhantes, mas se um deles tem um estímulo para ganhar a corrida que o outro não tem, mesmo que ambos se esforcem igualmente, a motivação íntima do primeiro certamente faria com que seu corpo respondesse bem melhor às exigências da corrida. Muito do stress cotidiano e de nossa vulnerabilidade às doenças em geral pode ser explicado em termos psicossomáticos, dessa interação entre a mente e o corpo. Ora, na medida em que a arte, congregando ao seu redor uma nova maneira de encarar o processo da vida, já em estágio avançado para o idoso, de um modo lúdico, cujo espírito de liberdade faz perceber um maior valor para a própria pessoa, então resta pouca dúvida que esse envolvimento com arte tende a favorecer a saúde mental e também física, além da própria *saúde social*, que é algo que não se pode desprezar em hipótese alguma, pois a satisfação de se perceber como útil à sociedade caracteriza uma forma saudável de viver. Por mais que toda essa atividade com a arte pudesse ser feita isoladamente, é indiscutível que sendo feita em conjunto adquire um significado todo especial.

## 6. Bibliografia

- ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética*. Tradução de A. Morão. Lisboa: Martins Fontes, 1982.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e de Gerd Bornheim. São Paulo: Abril, 1984, pp.45-236.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valério Rohden. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- SCHILLER, Friedrich. *Cartas para a educação estética da humanidade*. São Paulo: Iluminuras, 1996.